

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

DANÇA MACABRA: O CORPO MEDIEVAL NA OBRA DE BERNET NOTKE

Bruna Letícia da Silva Serra (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus de Paranavaí, bleticiass@outlook.com
Meire Aparecida Lóde Nunes (Orientador)
Unespar/Campus de Paranavaí, meirelode@gmail.com

Palavras-chave: Educação da Baixa Idade Média. Corpo. Dança Macabra.

INTRODUÇÃO

O objetivo de nosso estudo é analisar a imagem *Danse Macabre in Tallinn* de Bernet Notke's considerando a tríade Educação/Educação Física/Corpo. Desta forma nossos estudos são direcionados por meio da compreensão da Educação, como um processo destinado a formação humana, que se constrói pela substituição ou criação de novos hábitos. Por meio das reflexões de Norbert Elias (1994) sobre o processo civilizador, podemos estabelecer uma relação entre a Educação e a importância do corpo, pois, segundo o autor o homem não nasce civilizado, mas, pode atingir esta condição mediante a adoção de normas e regras voltadas para o controle dos seus hábitos.

Pensando na formação humana na Educação Física, cujo objeto de estudo é o corpo em movimento, buscamos entender sua importância nesse processo. Silva e Weiss (2004, p.79), mostram que “[...] o corpo é um produto da educação” é por meio dele que se obtém todo conhecimento, os autores então consideram o corpo como uma porta de entrada, que para a educação de um homem autônomo. Desta forma, torna-se evidente a tríade acima mencionada.

Ao analisarmos a importância do corpo para a educação humana podemos observar que este corpo e suas ações são constituídos por meio da interação com todo o meio em que vive, podendo o contexto influenciar nas manifestações das pessoas. Desta forma, a investigação de nossa pesquisa é desenvolvida pelo olhar da História, que entendemos como uma ciência que tem como fio condutor as atividades humanas. Mediante esta compreensão optamos por estudar a história do corpo, para que por meio dela possamos compreender a história do homem. Assim, nosso método de análise se aproxima da história social, pois, buscamos entender o homem e as relações humanas por meio de um diálogo interdisciplinar com ênfase nos problemas que envolvem os fatos e não, somente, o acontecimento em si.

Desta forma, neste estudo, buscamos retornar o passado com a intenção de pensar sobre como a iconografia expressou a crise instaurada pela peste negra por meio da representação da dança macabra. O caminho traçado para realização deste estudo consiste, na investigação da Baixa Idade

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

Média com ênfase no século XIV, a ocorrência da peste negra e da dança macabra e por fim realizar a análise da imagem *Danse Macabre in Tallinn*, do pintor e escultor alemão Bernt Notke.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realização deste estudo elegemos o corpo por meio das obras de artes entendida por nós como um registro de como os homens pensavam em diferentes momentos históricos. Para isso, o encaminhamento metodológico que norteia nossa pesquisa é composto pela estratégia de investigação de fontes bibliográficas e imagéticas.

Marconi e Lakatos (2007) explicam que a pesquisa bibliográfica é entendida como uma análise que envolve toda a bibliografia desde jornais livros, revistas, entre outros que já são tornadas públicas. Este tipo de pesquisa tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com o conteúdo escrito sobre seu tema de estudo.

Com relação às fontes imagéticas seguimos a compreensão de Francastel (1993) de que o estudo das imagens deve superar a classificação descritiva para buscar a análise da realidade e os fatos ali contidos. Neste sentido, nos fundamentamos na proposta de Panofsky (1892-1968), que é composta por três fases: pré-iconográfica, iconográfica e iconológica. A primeira delas é caracterizada pela identificação de características como linha, cores e volumes. A segunda tem um caráter descritivo e classificativo da imagem por meio de uma familiaridade com um tema adquirido de forma literária. A terceira é quando a obra é entendida como um documento que evidencia uma personalidade artística ou de uma civilização, nesta é realizada a análise dos significados intrínsecos da obra entendido como conteúdos (PANOFSKY 2007). Mediante estas informações realizaremos a análise da obra escolhida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Baixa Idade Média

A Baixa Idade Média foi um período da história que, segundo Franco Junior (2001), corresponde desde meados do século XIV até século XVI. Este período representou a fase final da Idade Média. O início da Baixa Idade Média foi marcado com um crescimento quantitativo da população urbana e econômico, além de um reflorescimento mercantil que deu aos mercadores uma enorme riqueza e poder nas cidades, foi também neste período que surgiu o relógio mecânico. Todavia, a Baixa Idade Média é considerada como o período negro da Idade Média, pois este foi cercado por guerras, fome, epidemias, escassez, extorsão e outras coisas, que foram consideradas pelo povo como um cruel destino, ou talvez uma infinita sucessão de males (HUIZINGA, [19--]). Isso teve

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

como consequência uma crise generalizada, que atingiu todas as estruturas da sociedade medieval, levando este período da história ao declínio. Desta forma, abordaremos os aspectos que levaram a Baixa Idade Média a esta crise que a marcou de forma negativa, pois conforme Huizinga ([19--], p. 22): “Os grandes males constituem os fundamentos da história”.

Acredita-se que a crise da Baixa Idade Média, foi resultado da grande expansão demográfica do período anterior, chamado de Idade Média Central (XI-XIII), neste período, conforme Franco Junior (2001, p. 35), “O crescimento populacional acabou por se revelar excessivamente dificuldades da Baixa Idade Média”. Este crescimento populacional excedente prejudicou o equilíbrio de produção-consumo dos medievos, ou seja, poucas produções agrícolas para uma grande população. Segundo Le Goff et all [19--], neste período muitos pobres que residiam em áreas rurais destinavam quase metade de seus salários para compra de alimentos em geral. Outro desequilíbrio ocasionado pela expansão demográfica ocorreu na área ecológica, pois, conforme Franco Junior (2001, p. 35) “O aumento populacional tinha implicado a derrubada de grandes extensões de florestas, já que a madeira era o principal combustível e material de construção...”. Desta forma, podemos observar que esta ação resultou mudanças no clima daquela sociedade, afetando diretamente a produção agrícola e, conseqüentemente, aumentando os preços dos alimentos, não somente o indispensável como os grãos mas, também, a carne e o peixe. Assim, com a carestia predominou-se a presença da fome ocasionando uma explosão de crimes e aumentando a mortalidade nesta sociedade desorganizada.

A crise demográfica e o desequilíbrio na agricultura resultaram em um abalo a área econômica da sociedade medieval. Segundo Franco Junior (2001, p. 59) “[...] a crise resultou dos próprios princípios da economia extensivas da fase A.” Esta fase A, segundo o autor, corresponde ao momento de crescimento econômico da Europa, após esta fase tem-se a fase B chamada de depressiva, onde ocorreram faltas de investimentos na produção agrária e conseqüentemente houve pouco crescimento econômico global, assim, mais cedo ou mais tarde viria à crise com desequilíbrio da produção e o consumo auto, consequência do crescimento populacional gerando período de escassez, elevando o índice de mortalidade e atingindo os setores da economia. Outro fato que atingiu a economia segundo Le Goff et all [19--] foi à má administração que resultou em dificuldades financeiras no século XIV. Franco Junior (2001, p. 61) ainda aponta que “Uma das maiores fragilidades e fontes de grandes problemas econômicos eram as constantes mutações monetárias empreendidas pelos soberanos.”. Isto ocorria mediante a desvalorização das moedas cunhadas pelos nobres. Segundo Pernoud (1997) os reis levavam a França a preferir suas moedas por serem mais justas, todavia segundo Franco Junior (2001, p. 35) “[...] este foi apenas um ensaio da crise demográfica da Idade Média [...]”.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

Como todas as estruturas da sociedade medieval entraram em estado de crise, não seria diferente com as estruturas eclesiásticas. Para igreja a Baixa Idade Média foi, sem dúvidas, uma fase complicada, na qual criticavam os costumes mundanos, choques de interesses e disputas, entre outras coisas. Conforme Franco Junior (2001, p. 109) “A grande questão da Igreja da Baixa Idade Média foi, porém, um prolongamento da antiga disputa entre poder espiritual e poder temporal”, este fato se refere ao embate entre o poder do papa e do rei. Neste período o homem medieval buscava uma salvação divina, assim realizavam penitências para serem absolvidos do pecado cometido. Ainda segundo Franco Junior (2001, p. 110), esses fenômenos “[...] desenvolveram o sentimento e autonomia eclesiástica em diversos locais.”, fazendo com que a vida religiosa caísse na rotina, recoberta de confusões.

A instabilidade da Baixa Idade Média atingiu as estruturas sociais por meio da passagem da sociedade de ordens, onde a população do antigo regime era dividida de forma jurídica por um lado e por comportamentos e valores por outro, para a sociedade típica do sistema feudal, chamada de sociedade estamental, dividida em grupos sociais quase sem mobilidade, ou seja, definida pela origem de sua família. Esta passagem acelerou-se naquele contexto de crise generalizada. A partir desta mudança ocorrida na sociedade foram-se aceitando novas possibilidades de mudança e transformações, algumas que atingiram diretamente a classe da nobreza, ocasionando sua descaracterização, provocando assim mudanças gerais no seu comportamento. Já nas estruturas familiares foram mantidos os costumes e tradição doméstica. E na estrutura política do final do século XIV, para Huizinga [19--], foi cheia de ferozes e trágicos conflitos, uma sucessão de acontecimentos que envolveram assassinatos, retaliações, sede de vingança, rivalidade e paixões pessoais.

A cultura do homem medieval, tudo aquilo que foi criado nesta sociedade consciente ou inconscientemente, para manutenção da vida, também foi abalada pela crise. Conforme Franco Junior (2001) esta resultou no rompimento do equilíbrio entre as duas culturas deste povo, sendo elas a clerical que corresponde à cultura consciente desenvolvida pelo clero e a vulgar transmitida informalmente pela população. Este rompimento ocorreu devido à falta de equilíbrio religioso, o que resultou em mudanças súbitas nestas culturas, não se apresentando mais como nos períodos anteriores, assim “[...] buscando uma composição do qual sairia à cultura renascentista do século XV-XVI.” (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 166). Está crise nas estruturas culturais atingiram diretamente as áreas da arquitetura, da literatura, das universidades, entre outras, e foi justamente esta crise que levou as estruturas culturais a caminharem para modernidade.

De fato, o que claramente agravou o declínio da Baixa Idade Média foi o ressurgimento de uma doença epidêmica ocasionada pelos costumes que, segundo Pernoud (1997), se tornaram grosseiros, desprezando práticas de higiene. Outro fato que favoreceu o aparecimento desta epidemia

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

foi, segundo Le Goff et all [19--], a grande concentração da população nas cidades cercadas pelas muralhas construídas no século XIV, que possuíam a função de dividir o espaço urbano do campo e de proteção das cidades em períodos de guerras entre outros. Com a falta de higiene e o grande número de pessoas aglomeradas em um local, o vírus da peste se propagou de maneira mais feroz. Conforme Fraco Junior (2001), esta pandemia se propagou de duas formas, sendo estas a bubônica, onde apareciam bolbões na pele dos enfermos e a pneumônica pelas vias orais através de tosses ou espirros dos infectados.

A chamada *peste negra* conseguiu destruir as estruturas e as ideias daquela sociedade, a doença propagou-se pela Europa de forma democrática e igualitária, não distinguindo ninguém por extrato social, atingindo a toda população, trazendo dor, desespero, melancolia, fragilizando a sociedade e ameaçando-a com a morte. Os números de mortes variaram de região para região reduzindo, a sociedade até meados do século XV. Observamos então, que um grande mau presente na Baixa Idade Média foi à peste negra, a qual se evidencia na compreensão acerca do corpo, questão que trataremos a seguir.

O corpo na Idade Média

O corpo possui uma história e seu estudo pode nos auxiliar a compreender o contexto da Idade Média. Segundo Le Goff e Truong (2012), a sociedade medieval possuía uma dinâmica resultante de tensões ocorridas entre Deus e o homem, o homem e a mulher, a riqueza e a pobreza, a razão e a fé, entre outras. Mas, uma das maiores tensões era a que ocorria entre o corpo e a alma e entre o corpo e seu interior.

Ao lançarmos nosso olhar para a Idade Média, notamos que a Igreja exercia forte influência naquela sociedade. Conforme Dambros et all (2008) dogmas da instituição religiosa estavam presentes no comportamentos das pessoas, na sua forma de pensar, agir, vestir e se relacionar ou seja, influenciava diretamente na visão de corpo que os medievos possuíam.

Desta forma, observa-se que a *carne* na Idade Média passou por um longo período de negação e embate, o único corpo distintamente valorizado neste período era o do puro e santo filho de Deus. Conforme Le Goff e Truong (2012), o corpo do homem juntamente com suas práticas corporais eram desprezados. A justificativa da igreja dada a esta desvalorização da carne dos mortais estava fundamentada nas escrituras sagradas e em palavras de grandes nomes religiosos deste período, tais como a do papa Gregório citada no livro de Le Goff e Truong (2012, p. 11) onde o corpo era qualificado como “abominável vestimenta da alma.” Observamos assim um dualismo alimentado pela concepção de Platão onde o corpo era posto de forma inferior a alma.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

A Igreja pregava este desprezo corporal de forma rígida, induzindo as pessoas a acreditarem que este os distanciavam do homem de Deus devido ao pecado original cometido por Adão e Eva (LE GOFF e TRUONG, 2012). Assim, todas as práticas e enaltecimento do corpo foram se tornando heresias. Neste contexto, observamos que para se aproximarem de Deus, os cristãos realizavam atos de sofrimentos corporais, tais como a alta flagelação, os jejuns ou qualquer outro tipo de penitência, os medievos acreditavam que, por meio destas ações iriam chegar ao “paraíso” depois de sua morte na Terra (DAMBRO 2008).

A igreja medieval passou a “classificar” certas ações como pecados, entre elas estavam as tentativa contraceptiva, a sodomia, o adultério, o homossexualismo, a gula e a luxúria, cometidos em momentos como os carnavais. Neste contexto, a dança foi considerada heresia, conforme Caldeira (2008) a igreja condenou a dança entendendo-a como negócio do diabo, por ser manifestado por meio do corpo, indo contra o ideal de mortificação da carne. Basicamente observamos que tudo que era em excesso era proibido, os desejos sexuais deveriam ser reprimidos, assim como os corpos nus, a cultura física não era mais apreciada como na Antiguidade, pregando a ideia de que ao conter os pecados a alma do cristão seria salva.

Apesar da generalização em torno do desprezo ao corpo do homem, vemos que havia uma indignação muito maior pelo corpo da mulher, taxando-o como inferior. Conforme Le Goff e Truong (2012), a desigualdade entre homem e mulher nasce da criação dos corpos, onde a mulher é feita a partir da costela do homem. Dambro et all (2008) cita que alguns teólogos dizem ser, a mulher, feita de uma costela torta de Adão. Todavia, há outros motivos que caracterizam esta desvalorização do corpo feminino, Le Goff e Truong (2012, p. 40) citam que “Uma das várias razões da situação de relativa inferioridade da mulher na Idade Média é imputada a suas menstruações...” além do fato do corpo feminino ser visto como fraco e um lugar de tentações. Mas, alguns autores baseados na história da criação do homem dizem que, não deveria haver esta inferiorização da mulher, pois, se Deus no ato da criação quisesse fazer a mulher superior ao homem a fariam de um pedaço da cabeça, assim como se quisesse a fazê-la inferior a faria de uma parte do pé (LE GOFF e TRUONG, 2012).

Outro fato importante sobre o corpo na Idade Média refere-se as três ordens que compõem a sociedade, sendo estes os *oradores* ou clero que trabalhava intelectualmente e espiritualmente por todos, os *belatores* ou nobres que guerreavam por todos e os *laboratores* ou camponeses, que trabalhavam para manter a sociedade economicamente (LE GOFF e TRUONG, 2012). A posição social que o indivíduo desempenhava na sociedade tinha uma relação com o seu corpo e seu sangue.

Todo aquilo que era contra aos dogmas da igreja eram considerados pecaminosos e neste caso especificamente, o corpo, que “Na impossibilidade de controla-lo, de domá-lo completamente a Igreja busca codificá-lo.” (LE GOFF e TRUONG, 2012, p. 93). Desta forma a igreja tentou civilizar a

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

carne, todavia segundo Dambro et all (2008) “[...] na baixa Idade Média, surge uma nova visão de corpo, que não é mais apenas a “prisão da alma”: quando bem governado, o corpo pode se tornar meio e lugar de salvação do homem.” E a partir de então começa-se a ter modificações na visão de corpo do homem.

Peste negra e dança macabra

A crise da Baixa Idade Média foi levada ao seu extremo com o ressurgimento da chamada “black Death” ou “peste negra”. Esta doença é considerada por muitos historiadores como a maior pandemia da história da humanidade, tão terrível que transformou cidades em verdadeiros cemitérios. Acredita-se que esta doença teria chegado a Europa por meio das caravanas de comércio que vinham pelo mar mediterrâneo, nestas embarcações transitavam ratos que eram atraídos pela má condição de higiene e habitação dos medievos. Desta maneira observamos que a propagação conforme Piccinini (2013) foi ocasionada por meio de um bacilo que em 1884, foi identificada pelo bacteriólogo Alexandre Yersin (1863-1943) recebendo o nome de *Yersinia Pestis*, que tinha como vetor pulgas que parasitam roedores, ou seja, os ratos. A propagação inicial se deu então quando as pulgas das ratazanas transmitiam seu agente patológico dos animais infectados para os humanos, mediante a uma simples picada.

A partir de então, a peste negra começou a contaminar a população de forma bubônica, onde segundo Franco Junior (2001), apresentavam bubões ou inchaços na pele do enfermo, esta primeira propagação era letal acerca de 60 a 80% dos infectados, levando-os a morte após três a quatro semanas. Partindo então desta primeira manifestação da doença surgiu a propagação de forma pneumônica, onde os indivíduos infectados transmitiam pelas vias orais o vírus, por meio de espirros e gotículas, a outras pessoas, pois, contaminavam as vias aéreas. Esta segunda forma de propagação da peste negra era letal a 100% das pessoas infectadas, ela também levava a morte muito mais rápido, em cerca de apenas dois ou três dias após a contaminação. Piccinini (2013) aponta uma terceira forma de propagação da peste negra a chamada septicêmica, que ocorre quando a bactéria entra na corrente sanguínea.

Fato é que, mesmo tentando fugir desta contaminação abandonando o local, os medievos levavam consigo a peste para outros lugares. A peste se propagou do sul para o norte pelas vias de comunicação e penetrou nos locais onde havia uma maior população. Quando atingiu a colônia genovesa de Caffa no ocidente, onde ocorreu segundo Jean-Noël Biraben (apud Franco Junior 2001, p. 36) “inovação na guerra bacteriológica”, pois em meio às guerras com a manifestação da peste no

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

exército, os corpos dos combatentes mortos possuíam o bacilo responsável por causar a doença, assim, com a esperança de vencer eles arremessavam os corpos contaminados por cima das muralhas.

Sem sombra de dúvidas a peste negra agia de forma igualitária, atingia a qualquer indivíduo de qualquer classe social que estivesse exposta a uma situação de risco, ou seja, aquele que estivesse em um local de contaminação, como o convívio com enfermos ou cadáveres ou em local de grande população. Esta praga vertiginosa gerou inúmeras perdas humanas, cerca de 30% da população da Europa Ocidental, Franco Junior (2001) relata que ela matou em pouco tempo mais indivíduos do que a primeira guerra mundial. Segundo John Kelly apud Piccinini (2013) “[...] somente a Segunda Guerra Mundial produziu mais mortes, destruição física e sofrimento emocional do que a ‘Black Death’”.

A morte ocasionada pela pandemia era extremamente dolorosa e rápida, gerando terror na Europa. De acordo com Gimenez (2011) a peste negra despertou uma nova maneira de encarar a morte observada na arte iconográfica que se popularizou com a representação da morte. Huizinga (19-- , p. 108) explica que nos últimos séculos da Idade Média “[...] a visão da morte podia ser resumida na palavra *macabro*, no significado que actualmente lhe damos”. Esta visão ainda conforme o autor encarnava do medo uma visão horrível e fúnebre repercutia na arte medieval. Sem dúvidas o tema da morte ocasionou temor e uma aversão ao cadáver.

Em meio a este espanto surge à chamada dança macabra como forma de manifestação corporal e crítica social a situação ocasionada pela peste negra, assim a morte serviu de inspiração para as criações de várias obras vinculadas ao tema. Conforme Gimenez (2011) a dança representava a chegada inesperada da morte que arrastava os homens para seu bizarro bailado, com o objetivo de um acerto de contas, pelos atos cometidos em vida, mostrando a fragilidade da vida e do homem perante a morte. A manifestação considerada a dança dos mortos retrata pessoas vivas dançando em direção à morte ao lado de esqueletos que representam os mortos em decomposição. Segundo Huizinga (19-- , p. 110), a dança macabra “[...] prega a igualdade social tal como era compreendida na Idade Média, a morte nivelando as várias categorias sociais e profissões”, ou seja, perante a morte todos os indivíduos da sociedade eram considerados como igual. Assim, todos unidos dançavam em direção da morte, expressando seus medos, angústias e desejos, sua interpretação do mundo. Gimenez (2011) aponta que a morte estendia a mão convidando a pessoa a bailar e mostra que nada lhe vale recusar, advertindo que todos são iguais perante ela. Por meio desta manifestação os medievos buscavam condições dignas para viver em sociedade, fato que podemos ver expresso na imagem escolhida para análise.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

Análise da imagem

A obra escolhida para analisarmos é a *Danse Macabre in Tallinn*, do pintor e escultor alemão Bernt Notke. Apesar de serem escassos os dados sobre o pintor, sabe-se que ele nasceu em 1435 na cidade de Lüssow, Pomerânia-Alemanha e faleceu no inverno de 1508/1509 em Lübeck. Notke é considerado um dos mais importantes pintores do norte da Europa em seu período e suas obras foram grandes objetos de comércio de arte sacra. Ele foi o criador de grandes obras como a de *San Jorge e o Dragão*, realizada para a catedral Storkyrkan na Gamla Stan, de Estocolmo. Sua obra *Danse Macabre* concluída no século XV possuía o tamanho de 30 metros de comprimento e 1,60 de altura (fig. 1), foi realizada em uma Técnica na lona utilizando pintura a óleo e direcionada a Igreja Santa Maria em Lübeck.



Figura 1. Bernet Notke's. Danse Macabre. (30 X 1,60 m) Igreja Santa Maria, Lübeck.
(Fotos de Wilhelm Castelli)

Fonte: <http://www.dodedans.com/Etext.htm#photo>

A obra foi parcialmente destruída nos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial, partes desta obra, cerca de 7,5 metros, ainda permanecem preservadas no Museu Niguliste (Igreja de São Nicolau), na cidade de Tallinn sendo um dos trabalhos mais conhecidos do museu.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR



Figura 2. Bernet Notke's. Danse Macabre in Tallinn (7,5 X 1,60 m).
Museu Niguliste (Igreja de São Nicolau), Tallinn.
Fonte: www.dodedans.com/Epict.htm

Observamos na imagem a presença de sete esqueletos, que de acordo com o Dicionário de Símbolos de Cirlot (1992) é o símbolo da mortalidade ou morte. Conforme Infantes (1997), (apud GIMENEZ, 2011, p.43), a dança macabra representada em “[...] texto e imagens presidido pela Morte como um personagem central - geralmente são representadas por um esqueleto, um cadáver ou um vivo em decomposição [...]” a partir dessa passagem podemos justificar o motivo dos esqueletos usarem “roupas”, pois, são representados como pessoas em processo de decomposição.

Na obra a figura está representada de mãos dadas com as pessoas, expressando a ideia de igualdade ou desqualificação da organização social medieval, mostrando que a dança da morte unia a todos, “[...] ainda que existissem diferentes níveis sociais entre eles, a morte os tornava iguais” (GIMENEZ, 2011, p. 46), este posicionamento em forma de corrente ocorre de forma semelhante as danças primitivas.

Esta questão de organização social é tratada por vários autores, tais como Duby em sua obra *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, por meio da analogia de uma pirâmide, que apresenta no topo, ocupando a posição mais importante está o clero, logo abaixo os nobres e na sua base sustentando toda a sociedade medieval, os camponeses. Podemos ver esta hierarquia ilustrada na extensão da obra completa, nela estão ilustrados a figura da morte e seus trinta e quatro convidados representantes da estrutura social medieval, e também a de um pregador que conta o diálogo entre os personagens, todavia, nesta parte preservada escolhida para analisar contamos com a ilustração apenas dos indivíduos abaixo citados.

Os indivíduos da hierarquia da Idade Média expressos nesta parte da obra são compostos por representantes do clero e da nobreza. Ao dividirmos a imagem em três partes temos no canto esquerdo da primeira, um homem, chamado por Gimenez (2011) de pregador, um indivíduo responsável por contar uma história, a qual é expressa na imagem por um texto escrito em alemão que percorre todo o quadro. A escrita mostra um diálogo objetivo entre a morte e os personagens pintados na obra que, segundo Gimenez (2011), eram questionados sobre suas más condutas perante a sociedade.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR



Figura 3. Bernet Notke's. Danse Macabre in Tallinn (7,5 X 1,60 m).
Museu Niguliste (Igreja de São Nicolau), Tallinn. Recorte. Pregador
Fonte: www.dodedans.com/Epict.htm

Ainda, na primeira parte, vemos a presença de duas caveiras, a primeira ilustrada com um tipo de instrumento parecido com uma gaita de foles, indicando assim presença nesta manifestação da música que na Idade Média era visto como algo profano e, ela realça a ideia de que a música acompanha a dança. Observamos ainda que a segunda caveira carrega uma madeira que segundo Franco Junior (2001) era a matéria prima de construção da Idade Média, podendo, assim, expressar que a morte conduzia as pessoas a dançarem em direção dos próprios túmulos simbolizados pelo madeiro. Após, temos a presença de um papa ilustrado com vestes litúrgicas e segurando a férula uma haste que possui na extremidade uma cruz. O terceiro esqueleto esta do lado direito do papa segurando sua mão, abaixo de toda esta parte da imagem está escrito o diálogo entre a morte e o papa.



Figura 4. Bernt Notke. Danse Macabre in Tallinn (7,5 X 1,60 m).
Museu Niguliste (Igreja de São Nicolau), Tallinn. Recorte. Morte e o Papa.
Fonte: www.dodedans.com/Epict.htm

Na segunda parte vemos um imperador, o identificamos devido aos objetos clássicos que ostenta: a coroa na cabeça, na mão direita uma espada - símbolo do poder temporal ou político - e na

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

mão esquerda um globo com uma cruz símbolo do poder espiritual. Há a ilustração do esqueleto e ao seu lado uma donzela, acreditamos que seja uma imperatriz, portando roupas luxuosas da época, também acompanhados por outro esqueleto juntamente com seus diálogos escritos abaixo.



Figura 5. Bernet Notke's. Danse Macabre in Tallinn (7,5 X 1,60 m).
Museu Niguliste (Igreja de São Nicolau), Tallinn. Recorte. Morte, Imperador e Imperatriz.
Fonte: www.dodedans.com/Epict.htm

Na terceira e última parte temos a ilustração de um cardeal que é considerado como um apóstolo de Deus na terra de acordo com o dialogo abaixo da sua imagem. Seguindo há a representação da morte, após acreditamos que a figura de um rei, pois, está ilustrado com uma coroa e uma haste na mão direita, e sua mão esquerda unida à mão do esqueleto e assim como nos outros abaixo está o diálogo entre eles, este é o fim do fragmento de Tallinn.



Figura 6. Bernt Notke. Danse Macabre in Tallinn (7,5 X 1,60 m).
Museu Niguliste (Igreja de São Nicolau), Tallinn. Recorte. Cardeal, Morte e Rei.
Fonte: www.dodedans.com/Epict.htm

Por meio da análise, podemos observar o local ilustrado do acontecimento da manifestação, caracterizado por um campo tendo aos fundos, segundo alguns pesquisados a cidade de Lübeck identificada pelas torres da Igreja de Santa Maria esquerda do imperador. Observamos também a expressão de sofrimento contida na face dos personagens, que possuem a consciência do destino do seu bailado,

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

Desta forma concluímos que a imagem *Dança Macabra in Tallinn*, expressa o pavor e sofrimento enfrentado pela população medieva que sofria com o ressurgimento da peste negra e que expressavam seu sentimento perante o convite e julgamento realizado pela morte, figura igualitária, sobre suas ações cometidas em vida, objetivando tornar a sociedade mais equilibrada e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo concluímos que na Idade média as práticas corporais foram desprezadas e consideradas pela igreja como heresias. Esta sociedade hierarquizada onde cada um possuía seu lugar sofreu com crises que desestruturaram toda a sociedade, a principal causadora deste declínio foi o ressurgimento da pandemia da peste negra, que resultou em inúmeras perdas humanas, matando muito mais do que a primeira guerra mundial e espalhando pavor entre a população medieval. Observamos este fato na análise realizada sobre a obra escolhida, onde a morte cavalheira e igualitária convidou os cidadãos a dançarem em direção da morte, sem direito de recusa, expressando que não importa quem a pessoa fosse em vida, ou a qual extrato pertencia, todos seriam julgados por seus atos cometidos e dançariam em direção dos próprios túmulos. Desta forma vemos que esta aproximação dos homens esta visão de que para morrer todos são iguais entre outros fatores contribuíram para a mudança de visão e conceito de corpo presente na sociedade Renascentista, onde o corpo passa a ser valorizado e considerado essencial para formação de um homem harmonioso, de acordo com o pensamento greco-romano. Assim, podemos concluir que o estudo de imagens pode nos revelar muitas informações sobre a educação corporal em outros momentos históricos.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, S. P. A religiosidade na dança: entre o sagrado e o profano. **Revista História em Reflexão**: v. 2, (4), jul/dez 2008.
- CASTELLI, W. **Danse Macabre de Bernet Notke's**. s/d. Fotografia, dimensões 30m x 1,60 m.
- CIRLOT, J. E. **Dicionário de símbolos**. Barcelona: Labor, 1992.
- DAMBROS, D. D. et all. O corpo na Idade Média. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, (121), junho de 2008.
- ELIAS, N. **Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FRANCASTEL, P. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- FRANCO JUNIOR, H. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

GIMENEZ, J. C. Dança macabra: uma crítica social na Baixa Idade Média. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano 4, (11), p.43-53, set. 2011.

HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. Ulisseia, [19--].

LE GOFF, J. ; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LE GOFF, J. **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

LE GOFF, J; et all. **O apogeu da cidade medieval**. [19--]

MARCONI, M. A; LAKATOS, E, M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

NOTKE, B. **Danse Macabre in Tallinn**. s/d, Museu Niguliste, dimensões 7,5m x 1,60 m.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PERNOUD, R. **A luz sobre a Idade Média**. Portugal: Europa-América, 1997.

PICCININI, W. J. Considerações sobre a história da peste negra. **Psychiatry Online Brasil**. Abril de 2013, v.18, (4). Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano13/wal0413.php>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016.

SILVA, M. D. S; WEISS, L. I. O corpo na escola e na vida: A educação corporal e seus efeitos no indivíduo. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, abr./jun. 2004, v. 2, nº 5.